

em  
síntese

## Eduardo Lourenço considera que emigração portuguesa teve resultados positivos

O ensaísta e filósofo Eduardo Lourenço considerou que a emigração portuguesa foi uma emigração com resultados positivos, embora também tenha tido custos.



“Não haverá emigrações com sucesso garantido, mas a nossa foi, na medida do possível, uma emigração que teve resultados positivos, embora com custos naturalmente”, apontou.

Eduardo Lourenço fez questão de lembrar que não é especialista em emigração e que nem ele próprio se considera emigrante, mas partilhou a sua visão sobre o que foi a emigração portuguesa, principalmente da década de 60. “Uma emigração de sangue, suor e lágrimas, mas que, ao fim e ao cabo, foi uma emigração com sentido e que deu sentido a tantas gerações, a tantas vidas e a tantos portugueses”, disse.

Durante a intervenção, Eduardo Lourenço apontou algumas das mudanças provocadas por esse “fenómeno complexo” e que alterou não só os próprios emigrantes, como os países de acolhimento e Portugal.

Dos emigrantes destacou, por exemplo, a “metamorfose” e da qual considerou terem sido as mulheres o principal motor, por terem “manifestado melhor capacidade de adaptação” e por terem sido “as primeiras a perceber a mudança de paradigma”.

Como resultado, “hoje, ao fim de tantos anos, a paisagem francesa está cheia de nomes portugueses e de filhos de portugueses em situações boas que de outra forma não teriam conseguido alcançar”, referiu, sustentando ainda que a emigração portuguesa nunca colocou problemas, “pelo menos graves”, para os países de acolhimento.

Lembrou igualmente que “há um Portugal filho desta aventura”, que modificou os que cá ficavam e os que ficavam. “Os que cá ficavam primeiro viviam muito preocupados com a desgraça dos que iam viver para fora. Depois, pouco a pouco, foram assistindo, já com algum espantado, ao regresso desses Portugueses que já vinham diferentes e que já eram outros”, acrescentou.

→ Um evento organizado por Abílio Lacerias, Manuel Dias e Fernando Paulouro

## Emigração foi tema de debate no Fundão

Por Carlos Pereira

A Câmara Municipal do Fundão organizou na semana passada, nos dias 23 e 24 de abril, duas jornadas de reflexão sobre emigração intituladas “Labirintos da Memória”. O evento foi imaginado há cerca de dois anos por Abílio Lacerias e Manuel Dias, de França, com Fernando Paulouro, ex-Diretor do Jornal do Fundão, “mas só agora foi possível realizá-lo” disse ao LusoJornal Manuel Dias do Coletivo francês de homenagem a Aristides de Sousa Mendes. “Entretanto associámos a este projeto o Presidente da Câmara Municipal do Fundão, Paulo Fernandes, e quero destacar toda a ajuda da equipa municipal, desde a Vereadora para a Cultura, até à equipa do Centro cultural A Moagem” completa Abílio Lacerias.

Nos debates participaram o Deputado Paulo Pisco, os sociólogos Maria Beatriz Rocha Trindade e Jorge Portugal Branco, do Consulado Geral de Portugal em Paris, o Conselheiro de Paris Hermano Sanches Ruivo, o Presidente da Câmara Municipal do Sabugal António dos Santos Robalo, o Presidente da Comunidade urbana da Beira Baixa João Morão, a escritora Maria Antonieta Garcia, o professor universitário José Ricardo Carvalho e o jornalista Carlos Pereira, Diretor do LusoJornal, entre outras personalidades.

O Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Cesário, proferiu o discurso de encerramento, num painel em que também participou o ensaísta Eduardo Lourenço. “Os nossos municípios não se esgotam naqueles que cá estão” disse José Cesário. “Sei que o Presidente da Câmara Municipal do Fundão está atento à sua diáspora. Portugal é muito mais do que aqueles que cá vivem, por isso esta reflexão é muito importante”. Felicitando os organizadores, o Secretário de Estado sugeriu que “esta reflexão possa ser a base para uma ação”.

Também Abílio Lacerias, Manuel Dias e Fernando Paulouro defenderam que



CM Fundão

este encontro tem de ter continuidade. “Isto não pode acabar aqui. Não podemos ficar todos contentes com o que foi feito e depois cruzar os braços para o futuro” argumenta Abílio Lacerias. Paulo Fernandes concordou. O Presidente da Câmara Municipal do Fundão entregou a Medalha de Ouro da cidade a Eduardo Lourenço e prestou homenagem a Abílio Lacerias e a Maria Beatriz Rocha Trindade. Depois evocou o vasto espólio sobre a emigração que o Jornal do Fundão detém e lançou um desafio a Maria Beatriz Rocha Trindade para que venha a coordenar o futuro Centro de interpretação e arquivo da emigração beirão. A socióloga, especialista em questões de emigração, aceitou “honrada” o convite-surpresa que lhe foi formulado.

“A emigração é um espaço ainda de opacidade, com muitos silêncios à volta. Há muita gente que ficou surpreendida com o que aqui ouviu. É importante materializar um projeto de memória oral” lançou Fernando Paulouro desejando que “este diálogo continue”.

Durante os dois dias falou-se de cidadania europeia, de lusodescendentes, do papel da emigração na economia,

na cultura e no imaginário, no papel da emigração nas regiões de origem e foram projetados três filmes do realizador José Vieira: “Cúmplices de Evasão”, “A fotografia rasgada” e “Os Emigrantes”. “Para os Franceses, os Portugueses não têm memória” disse o realizador radicado em França desde os 6 anos de idade e a quem Manuel Dias chamou de “o rebelde da emigração”. Daí a importância dos seus filmes.

Dois exposições de fotografias estão ainda patentes ao público no Fundão: “Sala de Espera”, uma coleção de fotografias de Gabriel Martinez com textos de Fernando Pessoa, que está no espaço cultural A Moagem. Gabriel Martinez fotografou, nos anos 60, a sala de espera da estação de caminhos de ferro de Hendaye. A outra exposição está no Casino Fundanense, chama-se “Por uma vida melhor” e é do fotógrafo Gérald Bloncourt, em parceria com o Museu da Emigração de Fafe. São fotografias que Gérald Bloncourt tirou em Portugal, durante o estado Novo e em França, nos ‘bidonvilles’ de Saint Denis e de Champigny.

Gérald Bloncourt esteve no Fundão, assim como Conceição Tina, a menina

que fotografou em 1966 no ‘bidonville’ de Saint Denis, que contou, com emoção, a história da fotografia e o seu próprio percurso. “Levei algum tempo a assumir este passado. Nunca tinha dito que morei numa barraca” disse Conceição Tina que foi para França nos braços da mãe, que lhe prometeu uma boneca quando ela chorava nas passagens mais difíceis dos Pirinéus. “Mas quero dizer que fui feliz no ‘bidonville’ de Saint Denis, onde vivi dois anos”. Para José Vieira, “olho para estas fotografias a ver se me vejo. Acho sempre que estou ali, e que apenas estou fora do campo da imagem” disse na inauguração da exposição. “Estas não são apenas fotos do passado. Hoje, à volta de Paris, há milhares de pessoas a viver em bairros de lata”.

Esta relação com a atualidade foi aliás o mote da sessão de abertura do evento. Paulo Fernandes, o Presidente da Câmara Municipal do Fundão, pediu um minuto de silêncio em memória dos imigrantes que faleceram no mar Mediterrâneo. “Mais de 1.000 imigrantes perderam a vida em apenas 6 dias” argumentou. São os caminhos destes Labirintos, que não são apenas do passado!

## Gérald Bloncourt: o fotógrafo dos “bidonvilles” expõe no Fundão e em Lisboa

Por Carina Branco, Lusa

Gérald Bloncourt, o fotógrafo que immortalizou os bairros de lata dos emigrantes portugueses nos arredores de Paris nos anos 60 e 70 hoje no Fundão e em Lisboa.

Gérald Bloncourt esteve no Fundão para inaugurar a exposição “Por uma Vida Melhor”, uma mostra constituída em grande parte pelo acervo fotográfico que o artista cedeu ao Museu das Migrações e das Comunidades de Fafe, em 2009.

A mostra no Fundão insere-se no âmbito do colóquio intitulado “Os Labirintos da Memória - Emigração, Memória e Futuro”.

O fotógrafo, de 88 anos, que reside em Paris, vai deslocou-se depois a Lisboa para inaugurar, no dia 25 de abril, a exposição “O olhar comprometido de Gérald Bloncourt”, na Casa da Achada - Centro Mário Dio-



CM Fundão

nísio, onde também participou em conversas sobre emigração, fotografia e memória a 26 e 27 de abril. A mostra insere-se no ciclo “Bastidores - fazeres que não se vêem”,

numa referência aos “bastidores das artes e profissões, os bastidores da política e do dinheiro, os bastidores das vidas e quotidianos”, escreve a página internet da associação, subli-

hando ainda “os bastidores” das datas do 25 de abril e do 1º de maio. “Bastidores”, que Gérald Bloncourt pôde fotografar nas vésperas do 1º de maio de 1974, em Lisboa, e que alimentaram uma ligação com o povo português que fez com que muitos lhe atribuíssem “o título de fotógrafo da emigração portuguesa”. “Acompanhei toda a emigração na época de Salazar, fui a Portugal, passei os Pirinéus a pé, acompanhei os emigrantes no comboio de Hendaye a Paris, tive a sorte de cobrir a Revolução dos Cravos. Agora, os Portugueses consideram-me como a memória de todas estas coisas. Aceito o título de ter sido, entre aspas, fotógrafo da emigração portuguesa. Mas são as pessoas que estão nas fotos que têm mérito, eu limitei-me a carregar no botão enquanto eles viviam um inferno”, disse o fotógrafo à Lusa.